



O romance irlandês como um lugar de embate intelectual e cultural

Fernando Aparecido Poiana¹

HAND, Derek. **A History of the Irish Novel**. New York: Cambridge University Press, 2014.

A History of the Irish Novel (2014), de Derek Hand, traz uma análise cuidadosa das características principais do romance irlandês entre 1665 e 2010. Hand, que é professor na St. Patrick's College (Irlanda), traça nesse livro um percurso histórico metodicamente rigoroso do desenvolvimento do romance enquanto gênero na literatura irlandesa, bem como dos seus diálogos com outros campos das humanidades. Desse modo, *A History of the Irish Novel* trata, de maneira abrangente, dos temas e tropos mais recorrentes no romance irlandês, e coloca em perspectiva histórica e cultural os textos ficcionais que examina mais detidamente. Ao fazer isso, o livro de Hand descortina o caráter intrínseco das relações entre estética e ética imbricadas na escrita desses romances, e examina como questões de ordem histórica são comumente revisitadas no âmbito ficcional.

Em “Introduction: A history of the Irish novel, 1665-2010”, Hand argumenta que a história do romance irlandês é a de um gênero literário que permite superar a formação de estereótipos na representação do irlandês e de sua cultura. Isso porque, como explica o autor, é no romance que a emergência do indivíduo na modernidade se torna mais evidente. Além disso, Hand mostra como o romance, devido à sua natureza, apresenta contradições internas que criam as condições estéticas e éticas para a emancipação desse indivíduo representado. O autor argumenta que no romance irlandês do período analisado, a representação do sujeito deixa de ser atrelada ou subjugada a construtos histórico-ideológicos que simplesmente o reduzem à condição de membro de uma comunidade ou nação. Essa é uma ideia que permeia todo o livro, e reforça a coerência argumentativa desenvolvida pelo autor, um especialista na obra de John Banville (1945).

No primeiro capítulo, “Beginnings and endings: writing from the margins, 1665-1800”, Hand discute como os romances publicados entre 1665 e 1800 mapeiam o que ele

¹ Doutorando em Teoria e Estudos Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), São José do Rio Preto, SP, Brasil. É bolsista CAPES.

chama de “novo espaço interior da sensibilidade” (“new interior space of sensibility”). Segundo o autor, esse espaço resulta do conflito entre o mundo interior do indivíduo e o mundo exterior, algo que ainda é bastante presente na ficção irlandesa contemporânea. Nesse sentido, Hand argumenta que o romance irlandês de 1665 a 1800 encapsula a tensão entre a esfera privada e a pública, e aproveita o ensejo para falar dos desafios dos escritores irlandeses do século XVII para negociar questões de representação literária em suas obras. Hand vê na obra dos romancistas estudados um esforço em produzir uma representação verdadeira dos irlandeses, que eram geralmente mal representados e mal construídos sob um viés ideologicamente colonial. Nesse sentido, há nesse capítulo, como em todo o livro, uma preocupação clara e criticamente plausível em não separar a análise da imanência dos romances da leitura do subtexto político latente em sua composição estética. De fato, Hand enxerga as questões e tensões histórico-ideológicas como elemento intrínseco à própria estrutura desses romances, o que enriquece muito a sua análise.

O segundo capítulo, “Speak not my name; or, the wings of Minerva: Irish fiction, 1800-91”, aprofunda as relações entre estética e política ao tratar de como a ideologia do progresso e do desenvolvimento, que atravessou tanto a esfera individual quanto a pública no século XIX, acabou sendo esteticamente incorporada ao romance irlandês. Nesse capítulo, Hand também discute como a visão estereotipada da Irlanda naquele século acabou se tornando consistente, e argumenta que as representações distorcidas do irlandês, presentes nas obras do período, servia para reforçar o estereótipo de que esse indivíduo era emocional, cultural e linguisticamente incapaz de lidar com a modernidade. Interessa, nesse capítulo, notar como Hand indireta e sistematicamente questiona o paradigma ideológico do progresso que esquece o passado rumo ao futuro, incerto por definição, e como esse questionamento ressoa em outros trechos do seu livro.

No terceiro capítulo, “Living in a time of epic: the Irish novel and Literary Revival and revolution, 1891-1922”, Hand trata das mudanças na cultura e política da Irlanda causada pelo renascimento literário irlandês, e como os romancistas daquele período tiveram de negociar as questões culturais impostas por tais mudanças. Para ele, “(...) algumas das melhores obras de ficção desse período tentam articular futuros possíveis e o começo de um novo modo de vida” (HAND, 2011, p. 119, *tradução própria*). Aqui, o vínculo entre estética e política é novamente reafirmado por Hand. Esse vínculo também é reforçado pela afirmação de que a ficção irlandesa, diante de eventos como o Easter Rising 1916 e a guerra pela independência, se abriu para a possibilidade de contar uma versão alternativa da história, o que problematiza a noção de verdade como construto.

Hand aprofunda essa discussão no quarto capítulo, “Irish independence and the bureaucratic imagination, 1922-39”. Nele, o autor comenta o cenário político e cultural da independência da Irlanda e a conseqüente partilha do país, e investiga as implicações desses eventos na escrita do romance irlandês da época. Ele fala da tensão entre o estado recentemente formado e a arte criada dentro dele, analisando a disjunção entre a perspectiva individual do trauma da mudança e a noção pública de história que se impunha em contrapartida. Hand explica que durante o começo dos anos 1920 e o final dos anos 1930“(…) as diferenças políticas e debates que caracterizavam o período da renascença continuaram a persistir de várias formas dentro do romance irlandês do mesmo modo que fizeram no estado irlandês” (2011, p. 155, *tradução própria*). A constatação da permanência dessas diferenças políticas reforça outra vez o complicado relacionamento entre ficção e história na literatura irlandesa. Ao tratar dessas questões, a análise madura de Hand ilumina aspectos centrais dessa tensão.

No quinto capítulo, “Enervated island – isolated Ireland? 1940-60”, Hand discute as implicações da neutralidade da Irlanda na Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Ele também fala do esforço de estudos recentes tem feito para tentar reavaliar a suposta noção de isolamento intelectual que os antigos comentadores criticaram. Para Hand, a posição da Irlanda durante a guerra representa uma afirmação da autonomia estrangeira de um país que há poucas décadas havia conquistado sua independência. Portanto, para Hand, esse “isolamento” não deve ser visto negativamente. Diante disso, o autor usa esse pano de fundo político e cultural para fundamentar sua análise de romances significativos produzidos naquele período. Por fim, Hand argumenta nesse capítulo que ficção e história na Irlanda estão intimamente relacionadas, ideia que é, de fato, bastante difícil de refutar.

O interesse de Hand pela relação entre ficção e história reaparece no sexto capítulo, “The struggle of making it new, 1969-79”. Nele, o autor trata do modo como o romance irlandês tenta lidar com as incongruências geradas pelas rápidas mudanças socioculturais na Irlanda entre o final dos anos 1960 e o fim dos anos 1970. O que interessa nesse trecho da análise é a afirmação de que “(…) diferente dos historiadores, os romancistas sugerem que não há verdade objetiva, não há realidade por trás do mito sendo desconstruído” (HAND, 2011, p. 232, *tradução própria*). De fato, a impossibilidade de conhecer a verdade objetiva é um motivo chave no romance irlandês contemporâneo, principalmente quando a memória se constitui num princípio estrutural de sua narrativa. Ao afirmar esse não compromisso com a verdade histórica por parte dos escritores de ficção, Hand prolonga o debate sobre as relações tensivas entre texto ficcional e realidade histórica, principalmente diante da relação colonial conturbada entre Inglaterra e Irlanda.

No sétimo capítulo, “Brave new worlds: Celtic Tigers and moving statues, 1979 to the present day”, Hand discute o papel cultural do romance irlandês no Tigre Celta, período de rápido desenvolvimento econômico e declínio que afetou a Irlanda material e culturalmente de modo bastante drástico. Para Hand, o romance irlandês contemporâneo resiste à categorização dentro de uma moldura crítica bem definida porque esse gênero continua a criar as condições para o sujeito irlandês emergir na sua total complexidade. Hand argumenta que “(...) a prevalência da história nos romances – em qualquer que seja a forma – demonstra como a história irlandesa se tornou o lugar de conflito intelectual e cultural nesses anos” (2011, p. 255, *tradução própria*). Nesse sentido, Hand fala que parece não haver nada para acreditar na Irlanda moderna além do “eu” (*self*). Esse argumento retoma a discussão sobre a relativização da noção de verdade, mencionada anteriormente, pois desautoriza a possibilidade de uma única versão objetiva de fato existir. Ou seja, com a noção de *self* se introduz no debate a noção de perspectiva, outra preocupação e motivo fundamental da ficção irlandesa das últimas décadas.

No último capítulo, “Conclusion: the future of the Irish novel in the global literary market place”, Hand discute o futuro do romance irlandês e sua relação com o mercado literário global. Para o autor, à medida que os romancistas irlandeses ganham a atenção do público internacional, é preciso ter em mente que “(...) o romance irlandês tem um futuro porque ele possui um passado” (HAND, 2011, p. 292, *tradução própria*). Ou seja, esse comentário serve como alerta para que os escritores atuais não negligenciem o papel da tradição literária da Irlanda na constituição do romance irlandês como ele é hoje. De fato, ignorar essa tradição seria escrever sob o risco constante de reproduzir os estereótipos que os romancistas do passado se encarregaram de desconstruir desde o início da modernidade. Como afirma Hand, o romance internacional “(...) opera no âmbito do estereótipo acessível de modo que (...) todos são iguais a todos” (2011, p. 292, *tradução própria*), criando, portanto, um achatamento das diferenças individuais em detrimento da facilitação do consumo acrítico das obras por leitores não raro alheios ao contexto histórico de produção dessas narrativas e das tensões que eles comportam. Os argumentos que Hand mobiliza nesse capítulo são de fato bastante plausíveis, e muito coerentes com toda a análise que ele desenvolve ao longo do livro.

Em conclusão, *A History of the Irish Novel* é um livro conceitual e metodologicamente muito coerente, bem argumentado e com leituras bastante atentas dos romances que se propõe a analisar. Nesse sentido, o livro de Hand é leitura fundamental não só para os estudiosos de literatura irlandesa, mas também para críticos

e pesquisadores interessados na reflexão profunda acerca da importância do romance como gênero e das intersecções sempre tensivas entre ficção, história, cultura e política.